

esec

ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO



INSTITUTO POLITÉCNICO
DE COIMBRA

Departamento de Artes e Tecnologia

Mestrado em Ensino da Educação Musical no Ensino Básico

Ensino da Musica em Contexto Formal e Contexto Não Formal

José António Moreira de Sousa

Coimbra, 2014

esec

ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO



INSTITUTO POLITÉCNICO
DE COIMBRA

José António Moreira de Sousa

Ensino da Musica em Contexto Formal e Contexto Não Formal

Relatório de Estágio em Ensino de Educação Musical no Ensino Básico, apresentado
ao Departamento de Educação da Escola Superior de Educação de Coimbra para
obtenção do grau de Mestre

Constituição do júri

Presidente: Prof^a Doutora Maria de Fátima Neves

Arguente: Prof^a Doutora Maria do Amparo Carvas

Orientador: Mestre César Nogueira

Data da realização da Prova Pública: 27 de março de 2015

Classificação: 13 valores

Dezembro, 2014

Agradecimentos

Aos meus pais pelo apoio ao longo deste percurso académico e por terem acreditado em mim.

À minha esposa e aos meus filhos, pelas horas em que não pude estar presente.

Aos professores da Escola Superior de Educação do Porto e Coimbra por me terem acompanhado ao longo destes dois anos.

À professora doutora Graça Palheiros, à professora doutora Amparo Carvas e ao professor Mestre César Nogueira pela ajuda, paciência e aconselhamento ao longo deste percurso.

Aos professores cooperantes Carlos, Paula Vales e José Torcato David pelo acompanhamento das Práticas Pedagógicas do Iº, IIº e IIIº ciclos do Ensino Básico.

Aos colegas de curso: Moisés Araújo, Miguel Amorim, Marlene Santos, Isabel Girão e Marlene Trindade.

Ensino da Música em Contexto Formal e Contexto Não Formal

Resumo:

O presente Relatório de Estágio foi realizado no âmbito do Mestrado em Ensino da Educação Musical no Ensino Básico, no Iº, IIº, e IIIº ciclos.

Ao longo deste trabalho, descreve-se toda a vivência em sala de aula. Apresenta-se um exemplo de planificação referente a cada ciclo de ensino e reflete-se sobre os resultados das mesmas, tendo em conta as orientações educativas para a prática da docência, a promoção das competências exigidas à educação musical, seguindo as orientações curriculares e, muito importante, seguindo as orientações e sugestões do orientador do estágio e dos professores cooperantes.

Aborda-se um tema sobre a música em contexto formal e em contexto não formal, justificando a importância de ambos no ensino da música no ensino básico.

Faz-se uma caracterização do contexto educativo das escolas onde ocorreram os estágios, nomeadamente a natureza dos espaços político, físico e a natureza dos recursos humanos.

Por fim apresenta-se uma conclusão que abordará a importância da música na vida do ser humano e a sua contribuição para a completa integração do aluno no seio da comunidade educativa e da sociedade civil em geral.

Palavras-chave: Prática Pedagógica, Planificação, Orientações, Música, contexto Formal e Não – Formal.

Teaching Music in Context Formal and Non-Formal Context

Abstract:

The present Practice Report was written following the Educational Practices I, II and III regarding Music Teaching in the Elementary School.

I will describe, throughout this work, the experiences inside the classroom, presenting an example of a plan of each educational practice, with a personal reflection about all of it. Following the educational orientations about teaching, I will promote all the goals demanded by the music teaching curriculum, supported by the generalist teachers and practice tutor.

We will talk about formal and informal music with the objective of showing that both are important in the learning/teaching process of the elementary school.

I will describe the educational context of the schools where I practiced, regarding the politics, the physical surrounding and human resources.

Finally, I will talk about the importance of music in the life of human beings and in which way it contributes to the whole formation of the student and the civil community in general.

Keywords: educational practices, plan, guidance, formal and informal music

Sumário

Introdução	3
Capítulo I	5
Educação Musical em Contexto Formal e Contexto Não Formal	5
a) Introdução	7
b) Desenvolvimento	8
Capítulo II	13
Prática Educativa I (ESE do Porto) , Prática Pedagógica do 2º e do 3º Ciclo do Ensino da Música no Ensino Básico (ESE de Coimbra).	13
Prática Educativa I (ESE do PORTO).....	15
a) Caracterização da Escola EB 1 de Montebello.....	15
b) A sala da Prática Educativa I	17
c) A Turma do 4º ano	19
d) Desenvolvimento da Prática Educativa 1º ciclo	20
e) Reflexão final, individual, sobre todo o processo da Prática Educativa I.....	26
Prática do Ensino Supervisionado no 2º ciclo do Ensino Básico	28
a) Caracterização da Escola EB 2-3 da Sobreira.....	28
b) A Sala da Prática Pedagógica do 2º ciclo.....	30
c) A Turma do 6º ano	32
d) Desenvolvimento da Prática Pedagógica do 2º ciclo	33
e) Clube de Música	37
f) Reflexão final, individual, sobre todo o processo da Prática Pedagógica do 2º ciclo.....	39
Prática do Ensino Supervisionado no 3º ciclo do Ensino Básico	40
a) Caracterização da Escola EB 2/3 Sophia de Mello Breyner	40
b) A Sala da Prática Pedagógica do 3º ciclo.....	42
c) A Turma de 7º Ano	44
d) Desenvolvimento da Prática Pedagógica do 3º ciclo	44
e) Reflexão final, individual, sobre todo o processo da Prática Pedagógica do 3º ciclo.....	48
Metodologia	49
Conclusão	59
Referências Bibliográficas	61

Índice de Quadros:

Quadro 7: Cronograma da Prática Educativa I (ESE Porto)	23
Quadro 8: Cronograma da Prática Pedagógica do 2º ciclo	35
Quadro 9: Cronograma da Prática Pedagógica do 3º ciclo	46

Índice de Figuras:

Figura 1: Escola EB 1 de Montebello	15
Figura 2: Sala de Aula Frontal	17
Figura 3: Sala de Aula Lateral.....	17
Figura 4: Planta da sala da Prática Educativa I	18
Figura 5: Escola EB 2/3 de Sobreira	28
Figura 6: Sala de aula Prática Educativa II	30
Figura 7: Arrecadação da Sala da Prática Pedagógica do 2º ciclo	30
Figura 8: Planta da Sala da Prática Pedagógica do 2º ciclo	31
Figura 9: Ensaio para a Celebração Eucarística	38
Figura 10: Ensaio para a Celebração Eucarística	38
Figura 11: Escola EB 2/3 Sophia Mello Breyner	41
Figura 12: Sophia de Mello Breyner	41
Figura 13: Sala Prática Pedagógica do 3º ciclo	42
Figura 14: Sala da Prática Pedagógica do 3º ciclo	42
Figura 15: Planta da Sala Prática Pedagógica do 3º ciclo	43

Índice de Gráficos:

Gráfico 1: Corpo Docente.....	16
Gráfico 2: Corpo Não Docente.....	17
Gráfico 3: Respostas do 2º ciclo à Pergunta 1.....	53
Gráfico 4: Respostas do 3º ciclo à Pergunta 1.....	54
Gráfico 5: Respostas do 2º ciclo à Pergunta 2.....	54
Gráfico 6: Respostas do 3º ciclo à Pergunta 2.....	54

Índice de Tabelas:

Tabela 1: Respostas do 2º ciclo à Pergunta 3.....	54
Tabela 2: Resposta do 3º ciclo à pergunta 3	55
Tabela 3: Resposta do 2º ciclo à pergunta 4	56
Tabela 4: Resposta do 3º ciclo à pergunta 4	56
Tabela 5: Respostas do 2º ciclo à pergunta aberta	57
Tabela 6: Respostas do 3º ciclo à Pergunta aberta	57

Abreviaturas

ESEC - Escola Superior de Educação de Coimbra

ESE - Escola Superior de Educação do Porto

NEE - Necessidades Educativas Especiais

PTT - Plano de Trabalho da Turma

INTRODUÇÃO

Introdução

Ao longo destes anos de estudo, e contando obviamente com toda a carreira musical, (com início no Seminário Padre Dehon em Rio Tinto, passagem pelo Conservatório de Música de Vila Nova de Gaia, Banda dos STCP do Porto, Fanfarras da Região Militar do Norte, Rancho Folclórico de Recarei e outros grupos de música de cantares tradicionais e de grupos corais) e não esquecendo a parte académica da licenciatura e do Mestrado em Ensino da Música no Ensino Básico, muitos foram os conhecimentos adquiridos, conhecimentos esses, que só são validados quando na realidade são aplicados. Essa forma de aplicação só é possível com as Práticas Pedagógicas devidamente organizadas.

Escolheu-se um tema para desenvolver neste trabalho, abordando-se a pedagogia do ensino da música em contexto formal e não formal, mostrando desta forma as vantagens ou desvantagens destes dois contextos se poderem cruzar para melhor desenvolver a Prática Pedagógica do ensino da música.

O presente Relatório de Estágio, foi realizado no âmbito da Prática Educativa I (realizado no 1º ano do Mestrado na ESE do Porto) e as Práticas Pedagógicas IIº e IIIº ciclos (realizado no 2º ano do Mestrado na ESE de Coimbra), pertencentes aos ciclos de estudos em Ensino de Educação Musical no Ensino Básico.

Esta unidade curricular, Prática Pedagógica, tem como objetivo geral a preparação ajustada à integração no exercício do desempenho profissional.

É inegável a importância de estar presente em contexto real, vivenciando de uma forma integrada o adquirido ao longo dos anos de estudo, aplicando os conhecimentos científicos, pedagógicos e didáticos, seguindo uma política educativa nacional, sempre com o pensamento posto no bem-estar, desenvolvimento e integração plena do aluno no meio e na vida quotidiana. Torna-se assim o aluno capaz de fazer frente aos requisitos, objetivos e exigências de um mundo cada vez

mais globalizante, onde a perspicácia dos ensinamentos curriculares são de uma importância vital.

Esta unidade curricular da Prática Pedagógica, mostra-nos a aplicação empírica de todos os conhecimentos adquiridos ao nível teórico. Pode-se assim atestar ou contestar de uma forma evolutiva a atividade de ensino-aprendizagem em geral e da “Música” em particular.

Capítulo I

Educação Musical em Contexto Formal e Contexto Não Formal

a) Introdução

A educação musical é uma disciplina que, como todas as outras, sofreu alterações ao longo dos tempos; primeiro porque se trata de música, logo aqui, encontramos uma imensidão de características que a diferenciam de todas as outras. Quanto à parte pedagógica, ela é sem dúvida igual às outras disciplinas e como tal, também o tempo e a história a alterou.

Ao longo desta pesquisa de informação, referencia-se, por um lado, a Educação Formal ou seja, aquela a que estamos habituados a entender como sendo instituída. Esta tem normas, orientações curriculares e obedece a todo um processo emanado de um poder central, neste caso, do Estado, impondo aos seus atores obrigações e deveres na obtenção de patamares de qualificação, podendo-se diferenciar as pessoas pelo seu percurso académico.

Por seu lado, referencia-se a Educação Não-Formal, que se encontra fora do Estado e, que embora tenha regras, não obedece a uma rigidez de princípios e fins a atingir.

Analisa-se as suas contradições e relações, contextualizando-as histórica e pedagogicamente, tentando ver em ambas valores cientificamente educativos, capazes de fazer frente aos novos paradigmas civilizacionais da atualidade.

b) Desenvolvimento

A escolha deste tema resultou de uma vivência de anos de trabalho com o que podemos chamar de dois mundos musicais, “O Formal” e o “Não Formal”. Assim desta forma, e através desta pesquisa de informação e do trabalho desenvolvido nas planificações e nas aulas do estágio, demonstra-se melhor o seu significado e a possibilidade de estes dois mundos se cruzarem para melhor satisfazer processo de ensino/aprendizagem da música nas escolas e fora delas.

Os dois mundos referidos, resultam, por um lado, das aulas já lecionadas no 1º ciclo ao longo de alguns anos e por outro lado, da participação em grupos corais de igreja, grupos tradicionais de música popular, ranchos folclóricos, grupos de cantares, bandas de baile, bandas de garagem e ainda aulas de música em várias associações, não esquecendo o trabalho em IPSS com grupos de idosos.

Assim, o desafio é tentar perceber, ou melhor, fazer uma pesquisa sobre esta temática, refletindo sobre o máximo possível de questões, para melhor poder ajudar o processo ensino/aprendizagem, tanto na escola como fora dela.

Para Delors, um dos vetores fundamentais neste processo é que o professor *“deverá ter capacidade de estimular o aluno a aprender pela descoberta, aprender fazendo, mas também deverá complementar com a perspetiva de aprender a saber e aprender a ser”*. (Delors, 1996)

Para Arroyo (2000), a palavra Formal pode ter vários significados e aplicações diferentes, como por exemplo: *“escolar, oficial, ou dotado de uma organização.”* Assim sendo não só a escola pública tem organização, uma filarmónica também é dotada de uma organização, com regras, hierarquias. Uma academia, também ela é dotada de regras, de um currículo próprio, de professores especializados, etc.

Já o Não-Formal (Arroyo,2000), é caracterizado pelo ensino que provém ou ocorre de situações quotidianas desenvolvidas dentro das culturas populares. Surge na vivência do dia a dia, nas relações com o outro, no clube de futebol, no rancho folclórico, na igreja, em casa na mesa, no jardim a brincar com os amigos. Hoje em

dia, um dos principais fatores de desenvolvimento, é sem dúvida as novas tecnologias, com os computadores e a internet a dominar esta área.

Um dos autores salientados pela sua conceção de espaços e aprendizagens Não-Formais é Grossi, ao dizer que existe entre estes espaços e aprendizagens, “*transversalidade, interseção e articulação*” (Grossi, 2001). Há assim pois necessidade de que, todos os grupos de diferentes práticas musicais, tenham uma procura de método próprio para os seus ensinamentos, sendo a finalidade sempre um bom resultado.

Estas relações Formal/Não Formal são confirmadas num exemplo de uma situação no estágio: por um lado, há as aulas com um currículo e um programa próprio a seguir, com orientações a cumprir; por outro lado, há o Clube de Música que, não sendo formal, não tinha a “rigidez” das aulas, motivando mais os alunos, levando-os a participar mais, fazendo-os sentir uma parte integrante de um todo.

Quando ao longo das aulas se trabalha ao nível formal, alunos do mesmo nível, ou seja, do mesmo ano letivo, mas com diferentes sensibilidades musicais, só são trabalhados conhecimentos e competências ligados ao currículo. Quando, no Clube, se juntam alunos diversos e de diferentes idades, portanto, em diferentes fases de desenvolvimento, repara-se que existem vontades comuns, gostos semelhantes. Mesmo tocando diferentes instrumentos ou usando apenas a voz, estes alunos mostravam formar num grupo coeso, interessado e implicado nas suas aprendizagens.

Logo, uma das conclusões que se tira, é que o “ser obrigado a frequentar”, (formal), é muito diferente do “querer frequentar” (não-formal).

Em primeiro lugar há que perceber o melhor possível o conceito de “Educação Formal” e “Educação Não Formal”. Muitos são os autores que consideram a Educação Formal, aquela que está sujeita às regras de um currículo, às normas de um programa educativo, que tem conteúdos específicos para se aprender com um professor especialista da área e é vivenciada dentro de uma escola.

Educação Formal: seria aquela estruturada, organizada, planejada intencionalmente, sistemática, sendo que a educação escolar convencional seria o exemplo típico (Libâneo, 2000)

Já a Educação Não Formal é aquela que é fruto das vivências do dia a dia, da interação de todos os intervenientes (pessoas ou objetos), em cada momento. Não é fruto de uma obrigação curricular, acontece nos lugares diferentes da escola onde se desenvolvem também atividades educativas, mas tem como objetivo principal, dotar o ser humano de capacidades para uma vida em sociedade.

A Educação Não-Formal: seria aquelas atividades que possuem caráter de intencionalidade, mas pouco estruturadas sistematizadas, onde ocorrem relações pedagógicas, mas que não estão formalizadas. (Libâneo,2000)

Para La Belle, define-se Educação Não-Formal “*Toda a atividade educacional organizada, sistemática, executada fora do quadro do sistema formal para oferecer tipos de ensino a determinados subgrupos da população*” (La Belle, 1987:2).

Ao longo dos tempos este conceito de Educação foi mudando, acompanhando assim as transformações políticas e socioeconómicas de cada comunidade. Perante a conjuntura económica e de uma globalização cada vez mais rápida, as comunidades educativas começaram também elas a mudar, dando lugar e espaço a novas formas de educar. Assim, a educação passou de um meio completamente fechado (escola), para espaços diferentes como Associações, IPSS, Clubes Desportivos, Companhias de Teatro, Dança e Música, Ginásios, Academias e muitos outros.

Este tema foca, não só a educação no seu todo, mas em especial a Educação Musical. Assim, para tal, e como professor de educação musical, foi levada a cabo uma pesquisa de informação que fosse de encontro às pretensões no âmbito do “Aprender Música”.

O mais importante não é a forma como se aprende, mas que todos, crianças, adolescentes, até mesmo seniores e idosos, tenham essa possibilidade de aprender. Para Souza (2001b:85), *“crianças e jovens talvez aprendam música, hoje, mais em seus ambientes extraescolares do que na escola propriamente dita, pois não há dúvida de que é possível aprender e ensinar música sem procedimentos tradicionais a que todos nós provavelmente fomos submetidos.”*

Durante muito tempo, os espaços onde se aprendia com caráter oficial, ou ainda com um grau académico quantificado com uma nota (1, 2, 3, 4,...), eram as escolas, mas só as públicas. Só mais tarde começaram a ter esse privilégio também algumas escolas privadas, a quem o estado tinha dado paralelismo pedagógico.

Com as novas pedagogias e novos modelos, enfim, tudo fruto de uma nova era em constante mudança, assim começamos a assistir a uma dialética constante entre o “Formal” e o “Não-Formal”. Para Arroyo, a transição entre o “Formal e o “Não-Formal”, é uma necessidade primordial.

A educação musical contemporânea demanda a construção de novas práticas que deem conta da diversidade de experiências musicais que as pessoas estão vivenciando na sociedade atual. Assim, transitar entre o escolar e o extraescolar, o “Formal” e o “Informal”, o cotidiano e o institucional, torna-se um exercício de rutura com modelos arraigados que teimam em manter separados esferas que na experiência vivida dialogam. (Arroyo,2000:89)

O papel do professor atual não é fácil, já que se pede à escola que “faça tudo”, pois muitas famílias não se preocupam em passar determinados valores. A educação deve iniciar-se em casa, junto dos pais ou Encarregados de Educação e depois funcionar em coadjuvação com a escola, para que deste modo, as crianças/alunos se sintam bem no seu meio escolar e adquiram competências sociais, culturais e educativas para o seu futuro enquanto cidadãos.

Esta forma de encarar a realidade escolar é própria de um ensino/aprendizagem Formal, aquele ensino tradicional que nos fala Arroyo. Pois, quanto ao ensino Não-

Formal, esta situação quase não aparece ou passa muito despercebida. No entanto esta pesquisa de saberes e opiniões de diversos autores, serve para justificar um pouco a realidade vivida nos estágios do I,II e III ciclos do ensino básico.

Ao longo de vários anos, neste percurso académico, muitos foram os pedagogos estudados, ou seja, deles foram bebidos saberes e experiências variadíssimas. Desde a psicologia à sociologia, passando pelas políticas educativas, aprende-se os vários caminhos a seguir neste processo educativo.

Com a deontologia profissional, descobre-se e aprende-se a postura de um professor, a forma como se deve comportar e estar perante os alunos, não esquecendo nunca que o professor é sempre julgado, tanto no interior da escola como fora dela, sendo sempre uma imagem a seguir.

É neste contexto que se deve aproveitar para levar até ao aluno o que de melhor tem a música, independentemente de ser “Formal” ou “Não-Formal”.

Através da música, as crianças aprendem a conhecer-se a si próprios, aos outros e à vida (Gordon 2000).

Para Oliveira, M. e Milhano, S. (2010:13), a expressão musical é um “*processo que articula a razão, a emoção e a imaginação, favorecem a criação, o experimentalismo, a interação coletiva, a resolução de problemas, o desenvolvimento do pensamento crítico, a expressão, o conhecimento, a exigência, a persistência, o exercício da cidadania, a cultura.*” Para estes autores a música é “*promotora de contextos de aprendizagem e oportunidades de participação particulares, únicos, constituem um meio privilegiado de comunicação, partilha e entendimento.*” Para concluir é “*essencial na riqueza da educação nas suas várias dimensões: estética, social, criativa e formativa.*”

Capítulo II

Prática Educativa I (ESE do Porto).

**Prática Pedagógica do 2º e do 3º Ciclo do Ensino da
Música no Ensino Básico (ESE de Coimbra).**

Prática Educativa I (ESE do PORTO)

a) Caracterização da Escola EB 1 de Montebello

“A Escola Básica de Montebello situa-se na Rua de Alcântara paralela à Avenida Fernão Magalhães, na parte oriental da cidade do Porto, na freguesia de Campanhã, uma das mais heterogéneas da cidade.”

Esta escola pertence ao Agrupamento de Escolas António Nobre, do qual fazem parte a Escola Secundária António Nobre (sede de agrupamento), a Escola EB 2,3 Areosa, a Escola EB2,3 Nicolau Nasoni, a Escola Básica João de Deus, Escola Básica das Antas, a Escola Básica de Montebello e a Escola Básica Monte Aventino.

“Edifício tipo Plano Centenário, estruturalmente, dividido em duas partes. Uma parte principal (salas de aula) que mantém as características próprias do tipo de edifício e uma outra parte, construída de novo, que exhibe modernas instalações (anfiteatro, balneários, sala multiusos, auditório, sala de audiovisuais, ginásio, salas de aula, cozinha e refeitório). No exterior do edifício temos um recreio totalmente aberto, revestido a “tartan”, que, nesta altura, se constata pequeno para o número de crianças que frequenta a Escola. Todo o espaço é circundado por um muro com sobreposição de grades de ferro, tendo três portões que possibilitam o acesso à Escola”.

Figura 1: Escola EB 1 de Montebello



A escola está equipada com material/equipamento didático (computadores, internet, mapas mundo, quadro interativo, material de suporte às áreas curriculares, entre outros), suficiente para as exigências do currículo.

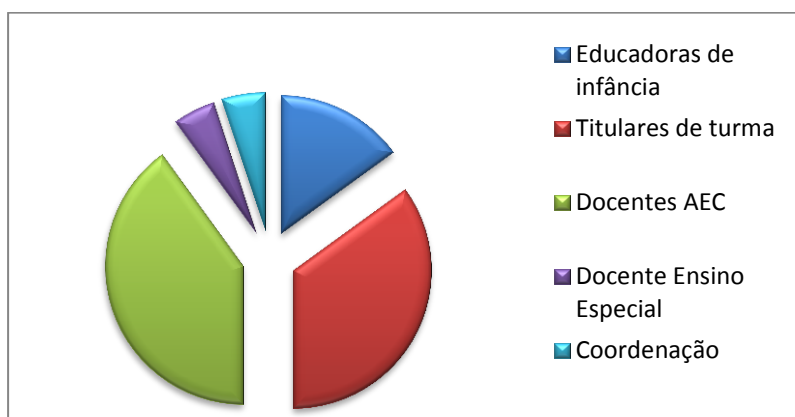
Salvaguarda-se a questão dos quadros interativos não estarem a funcionar, pelo menos, durante o período que se desenvolveu a prática educativa.

A escola possui:

- Auditório (Salão amplo), com uma capacidade média de 100 pessoas, onde decorreram a maior parte das aulas de prática educativa;
- Salão de espetáculo (anfiteatro) com palco, bancadas e colunas, onde decorreu a festa de final de ano.

O Corpo Docente é constituído por três Educadoras de Infância, sete docentes titulares de turma, um docente de Ensino Especial, oito docentes de Atividades de Enriquecimento Curricular (dois de Inglês, três de Ed. Física, dois de Música e um de Pequenos Engenheiros) e uma Coordenadora de Estabelecimento, que está dispensada da função letiva, sendo responsável por cinco horas de Apoio Educativo estipulado por lei.

Gráfico 1: Corpo Docente



O Corpo não Docente é constituído por 11 Auxiliares de Ação Educativa sendo: sete Assistentes Operacionais e quatro Assistentes Técnicos, distribuídas pelo horário de funcionamento da Escola.

Gráfico 2: Corpo Não Docente



b) A sala da Prática Educativa I

Dimensões: 7,5 metros de comprimento, por 6 metros de largura.

Figura 2: Sala de Aula Frontal



Figura 3: Sala de Aula Lateral



Figura 4: Planta da sala da Prática Educativa I



A sala é relativamente pequena, mas bem organizada. Os alunos, sendo desorganizados, provocam um aspeto de caos na sala, pelo menos na parte de tarde.

Exemplos: (mesas desalinhadas, folhas no chão, “aviões” no chão e material espalhado pela sala).

c) A Turma do 4º ano

O grupo do quarto B era constituído inicialmente por vinte e dois alunos, sofrendo alteração ao longo do ano por um abandono escolar.

O grupo em questão é composto por uma grande heterogeneidade a nível socioeconómico e étnico. Existe ainda uma grande diferença de competências adquiridas pois, o grupo é composto por 15 alunos do 4º ano e 6 alunos do 3º ano. Destes alunos mencionados, 11 já são retidos, dois são alunos NEE e regista-se um caso de abandono. É de salientar também que quase todos os alunos têm direito ao escalão A no Auxílio Social Económico.

Como poderemos observar na Avaliação do 3º período abaixo transcrita, muitas foram as dificuldades de aprendizagem por parte dos alunos ao longo do ano.

AVALIAÇÃO DO PLANO DE TURMA - 3º Período

Turma: B Ano: 4º

Ano letivo 2012/2013

“Transitaram para o segundo ciclo, apesar de algumas dificuldades detetadas todos os alunos do 4ºano com exceção da Ana Prado, Iara Patrícia, Inês Alexandra, Vítor Santos que vão à 2ª chamada e a aluna Sara Justo que embora tendo um currículo educativo individual fica retida no 4ºano.

Apesar de transitarem os alunos Ângelo Adonai e Gonçalo Baldaia tiveram nota negativa a Português e as alunas Beatriz Bastos, Bianca Santos e Iara Maia tiveram nota negativa a matemática.

A aluna Catarina Bessa com adequações no processo de avaliação transitou ao 5ºano. O aluno Rúben Cabreira (12 anos e 2 retenções no ciclo) transitou para o 2ºciclo com relatório no seu processo individual.

Transitaram para o 4ºano 4 alunos que estavam matriculados no 3ºano. A aluna Elisabete Cardoso que se encontra em abandono ficou retida no 3ºano.”

Porto, 20 junho de 2013

O professor: Carlos T. Braga

d) Desenvolvimento da Prática Educativa 1º ciclo

Através da educação musical, a criança aprenderá a desenvolver o seu pensamento musical, realizando atividades inerentes à prática musical: ouvir, discriminando as estruturas sonoras, conhecendo a literatura musical; interpretar, cantando, tocando e dançando em conjunto; compor, criando, improvisando, elaborando estruturas musicais. (Wuytack & Palheiros, 1995:10)

Um dos grandes obstáculos ao longo da Prática Educativa I, foi sem dúvida a elaboração das planificações. Ao longo deste processo foi tentado sempre planificar as aulas de forma variada, indo ao encontro dos três grandes domínios da Expressão e Educação Musical, seguindo a linha de pensamento de Swanwick (1979): Audição, Interpretação e Composição. A grande dificuldade foi o comportamento do grupo e a falta de interesse por parte dos alunos. Apesar do grande esforço e dedicação em cada aula, os problemas persistiram, infelizmente, tornando muitas vezes o trabalho em vão. Ao longo das aulas, eram apresentados variadíssimos instrumentos. Estes eram tocados para motivar os alunos eram explorados nas atividades musicais realizadas nas aulas.

Dos três domínios da Expressão e Educação Musical, como é referenciado no Programa do 1º ciclo do Ensino Básico:

A experimentação e domínio progressivo das possibilidades do corpo e da voz deverão ser feitos através de actividades lúdicas, proporcionando o enriquecimento das vivências sonoro-musicais das crianças.

A participação em projectos pessoais ou de grupo permitirá à criança desenvolver, de forma pessoal, as suas capacidades expressivas e criativas.

A audição ao vivo ou de gravação, o contacto com as actividades musicais existentes na região e a constituição de um reportório de canções do património regional e nacional, são referências culturais que a escola deve proporcionar.

(Organização curricular e programas – 1º ciclo)

A Composição foi a área mais difícil de explorar e realizar. Como já foi referido, a turma não tinha um comportamento adequado à sala de aula. Nas tentativas de realização de atividades musicais de composição, os alunos não conseguiam cumprir as regras de sala de aula (como estar com atenção e em silêncio), o que tornava a realização das atividades quase impraticáveis.

Uma das atividades mais vezes realizadas ao longo da Prática Educativa I foram, sem dúvida, audições ativas. Audição ativa é uma mais-valia para que os nossos alunos possam ouvir música interagindo com ela. Segundo Wuytack e Palheiros (1995), a audição é a própria razão da existência da música e contribui para o desenvolvimento musical de cada um.

Boal Palheiros (2006), refere que os professores devem estimular a motivação dos seus alunos, para a música na escola, não apenas pela inclusão da audição nas aulas, mas também promovendo mais frequentemente modos ativos de ouvir, já que isso proporciona a que os alunos interajam com a música.

Outra das atividades musicais muitas vezes realizada foi a Interpretação, dado que nesta faixa etária é essencial que os alunos cantem, como refere a Organização Curricular e Programas para o 1º ciclo (2004): *“a prática do canto constitui o principal alicerce da expressão e educação musical e que a voz é o primeiro instrumento musical a ser explorado pelas crianças”* (Organização Curricular e Programas para o 1º ciclo, 2004:38).

Quadro 1: Cronograma da Prática Educativa I (ESE Porto)

Aula	Dia	Resumo das atividades
	Mês	
1	25 Fev.	Teste diagnóstico. Movimentos corporais. Batimentos rítmicos (imitação, repetição e criação). Entoação de pequenas melodias.
2	28 Fev.	Reproduzir a pulsação. Ostinatos rítmicos utilizando as partes do corpo (voz, palmas e pernas) e alguns instrumentos de percussão.
3	4 Mar.	Composição musical com células rítmicas de 8 pulsações, utilizando instrumentos convencionais e não convencionais. Criação de uma partitura não-convencional. Ritmo popular português.
4	7 Mar.	Início do tema “Walt Disney”. Composição musical a partir de uma imagem, com a utilização de instrumentos convencionais e não convencionais.
5	11 Mar.	Composição do tema iniciado na aula anterior. Mistura tímbrica com instrumentos convencionais e não convencionais.
6	14 Mar.	Conclusão do tema “Walt Disney”. Sonoplastia da imagem da aula 4. Avaliação pelos alunos do produto final e de todo o processo desenvolvido com este tema.
7	4 Abr.	Início da interpretação da canção “Vê um girassol” de Margarida Fonseca Santos.
8	8 Abr.	Continuação da aprendizagem da canção utilizando expressão corporal.
9	11 Abr.	Criação de uma quadra em rima como apoio à atividade do professor titular. Exploração vocal com a quadra através de vários estilos musicais (Tradicional, Rap, Rock, etc)
10	15 Abr.	Audição Ativa “As Quatro Estações” de Vivaldi. Expressão corporal de um excerto do andamento “A Primavera”. Prática instrumental Orff.
11	18 Abr.	Expressão corporal. Prática instrumental Orff. Trabalho de grupo.
12	22 Abr.	Audição Ativa do tema “Can Can” de Offenbach, utilizando as partes do corpo (palmas, pernas). Contextualização do compositor. Expressão corporal (Dança).
13	29 Abr.	Audição Ativa do tema “Ho Hey” de Lumineers. Criação de um Ostinato Rítmico adequado ao tema e criação de uma pequena coreografia sobre o tema.
14	2 Mai.	Audição Ativa do tema “O Lago dos Cisnes” de Tchaikovsky. Forma musical. Identificação dos diferentes timbres dos instrumentos musicais em evidência do tema musical.

15	6 Mai.	Continuação do tema da aula anterior. Criação de pequenas coreografias por partes dos vários grupos, relativos aos excertos do tema.
16	9 Mai.	Apresentação final da coreografia do tema, com as várias coreografias que os alunos criaram na aula anterior. (Não houve aula. Preparação para a prova de aferição de Matemática).
17	13 Mai.	Apresentação final da coreografia do tema, com as várias coreografias que os alunos criaram na aula anterior.
18	16 Mai.	Interpretação da canção “A Primavera chegou”. Audição e identificação de Sons da Natureza.
19	20 Mai.	Cada grupo representa uma personagem e canta o verso correspondente.
20	23 Mai.	Criação de uma história musicada a partir de uma imagem. Exploração de sons. Criação de uma partitura não convencional.
21	27 Mai.	Música Tradicional Portuguesa. Execução de ritmos com a utilização de instrumentos tradicionais portugueses (Bombos e caixas).
22	30 Mai.	Continuação do tema Música Tradicional Portuguesa. Apresentação à comunidade escolar.
23	3 Jun.	Ensaio para a Festa de Final de Ano.
24	6 Jun.	Ensaio para a Festa de Final de Ano
	13 Jun.	Festa de Final de Ano.

Exemplo de uma planificação (Aula 3), que foi utilizada na primeira aula supervisionada pelo professor supervisor Rui Bessa. Este modelo de planificação foi incutido aos mestrandos nas aulas de Metodologias da Prática Educativa I da ESE do Porto. Restantes planificações (Anexo A)

Aula nº3

Curso/Variante/Ano: 1º Ano do Mestrado em Ensino da Educação Musical no Ensino Básico

Escola: Básica nº1 de Montebello

Turma: 4º B

Data: 4 de Março de 2013

Professor Cooperante: Carlos

Professor Supervisor: Rui Bessa

Professor Estagiário: José Sousa (To Zé)

Plano de Aula

Organizadores e Competências Específicas:

Interpretação e Comunicação: Toca as suas músicas e as dos outros, utilizando instrumentos acústicos, eletrónicos, convencionais e não convencionais.

Criação e Experimentação: Seleciona e organiza diferentes tipos de materiais sonoros para expressar determinadas ideias, sentimentos e atmosferas utilizando estruturas e recursos técnico-artísticos elementares, partindo da sua experiência e imaginação.

Percepção Sonora e Musical: Explora e descreve técnicas simples de organização e estruturação sonora e musical. Identifica auditivamente mudanças rítmicas.

Culturas musicais nos contextos: Reconhece a música como parte do quotidiano e as diferentes funções que ela desempenha.

Conteúdos: Identificar e marcar a pulsação e/ou ritmo de: lengalengas, canções, melodias e danças, utilizando percussão corporal, instrumentos, voz e movimento. Reproduzir com a voz ou com instrumentos: sons isolados, motivos.

Organizar, relacionar e classificar conjuntos de sons segundo: timbre, duração e Intensidade.

Conhecimentos: Ser capaz de identificar os instrumentos musicais, usados na composição e contextualiza-los, quanto à família e sua história.

Atividades: ensinar pequena célula rítmica de oito pulsações, com a ajuda de símbolos simples, pedir às crianças que a executem repetidamente.

Fazer pequena composição musical, misturando outros sons, convencionais e não convencionais.

Por fim o professor toca uma pequena melodia tradicional, mostrando aos alunos que, o que acabaram de fazer era um dos ritmos populares portugueses mais conhecidos.

Recursos: Instrumentos convencionais: (Cavaquinho, Clavas, Bombo).

Não convencionais: (Garrafas de água, canetas e outros que possam surgir)

Bibliografia: Currículo Nacional do Ensino Básico – Competências Essenciais

Organização Curricular e Programas do 1º ciclo do Ensino Básico, (4ªEdição)

Webliografia: <http://www.juliopereira.pt/instrumentos/cavaquinho%20historia.htm>

Reflexão:

Aula assistida pelo Doutor Rui, estagiário Moisés, professor Carlos e estagiário Filipe Marado. Os alunos encontravam-se debaixo de uma grande pressão, devido à insistência do professor Carlos para que eles se portassem bem, pois iria assistir à aula o doutor Rui Bessa, que tinha como missão avaliar a aula.

Resultado da aula bastante bom, os alunos como já viam começado a treinar na aula anterior, conseguiram adaptar-se rapidamente ao ostinato tradicional, tocando com os vários instrumentos de precursão e acompanhando o professor que tocava cavaquinho.

Final da aula, comentário geral a que se tinha feito música, sendo isso o pretendido.

e) Reflexão final, individual, sobre todo o processo da Prática Educativa I

Como últimas palavras reflexivas de um processo, vivido neste segundo semestre, constata-se que nem tudo foi “um mar de rosas”.

Encontrei um grupo muito heterogéneo em todos os sentidos, muito barulhento, muito imaturo e infantil para a idade, com alunos insubordinados, aluados, distraídos, etc.

Com este panorama, por vezes pensa-se em desistir, pois torna-se impossível o cumprimento total de uma planificação. Tratava-se de uma situação nunca vivida ao longo de muitos anos de professor de música.

Com a ajuda dos colegas, com as explicações do professor Rui ao longo das aulas e com a paciência do professor Carlos (titular da turma), foi possível dar a volta

por cima, realizando ajustes. Se não se cumpria a planificação toda numa aula, cumpria-se em duas e assim foi criada uma metodologia que agradava aos alunos e onde era possível passar os conteúdos da matéria curricular. É óbvio que metade da aula era para brincar, pois de outra forma não se lhes conseguiria chegar com alguma coisa de interessante. Esta necessidade e apetência das crianças para o lúdico foi aproveitada nesta metodologia, tornando-se uma mais valia.

Este desafio foi certamente o mais doloroso de toda uma carreira, mas também se tornou o mais saboroso, isto, porque criou um desafio muito grande e trabalhoso, obrigando a revolucionar estratégias e metodologias de ensino.

Muito obrigado a todos os que ajudaram, esperando-se que um dia, de alguma forma, possa ser retribuído.

Prática do Ensino Supervisionado no 2º ciclo do Ensino Básico

a) Caracterização da Escola EB 2-3 da Sobreira

A Escola EB 2/3 de Sobreira está localizada no Lugar da Estação, freguesia de Sobreira, concelho de Paredes. Pertence ao distrito do Porto e foi inaugurada no ano letivo de 1987/88. Organicamente, está integrada na Direção Regional de Educação do Norte (D.R.E.N.) e na Coordenação Educativa do Tâmega (C.E.T.). Funciona em regime diurno.

Figura 5: Escola EB 2/3 de Sobreira



Por despacho de Sua Excelência o Secretário de Estado da Administração Educativa, datado de 26.06.00, foi homologado o Agrupamento Vertical das Escolas de Sobreira, funcionando esta como Escola Sede.

Do Agrupamento fazem parte 2 jardins de Infância e 2 Centros escolares, com Pré-escolar e 1º Ciclo.

Edifício característico dos anos 80/90, com pavilhões dispersos e corredores exteriores ligando os mesmos. Estes pavilhões estão dotados de 8 salas de aula, de um WC para crianças do sexo feminino e outro para o sexo masculino, situado junto ao hall de entrada. O edifício da esquerda, atrás, pertence ao 3º ciclo. O edifício do meio pertence ao 2º ciclo. O edifício da direita pertence aos CEF e aloja a sala de Ed. Musical.

A escola tem também um pavilhão de desporto onde decorrem as aulas de Ed. Física e as atividades do Desporto Escolar e um campo de jogos exterior.

No exterior do edifício há um recreio totalmente aberto, revestido a “alcatrão”. Todo o espaço é circundado por um muro com sobreposição de grades de ferro em algumas partes mais problemáticas, tendo dois portões que possibilitam o acesso à Escola. No espaço junto dos portões, situa-se o edifício central, o maior, mas não decorrem aulas. O edifício tem várias secções como: secretaria, Conselho Executivo, posto médico, sala de professores, sala de funcionários, reprografia, bar, cantina, polivalente, WC e despensa.

A escola está equipada com material/equipamento didático, (computadores, internet, mapas mundo, quadro interativo, material de suporte as áreas curriculares), suficiente para as exigências do currículo.

Para esta caracterização foi efetuado uma visita guiada pelos edifícios e pavilhões da escola.

Os órgãos de gestão do agrupamento de escola da Sobreira estão a cargo do: Conselho Geral, Direção, Conselho Pedagógico e Conselho Administrativo.

A escola é dividida em vários departamentos, responsáveis pelos respetivos ciclos e é constituída por uma Associação de pais e por uma Associação de Estudantes.

A escola tem alunos do 5º ao 9º ano e mais os Cursos de Educação e Formação (CEF) Pastelaria e panificação (PIEF). Estes cursos têm a duração de dois anos, cada curso é constituído mais ou menos por 15 alunos e fornece equivalência ao 9º ano de escolaridade.

b) A Sala da Prática Pedagógica do 2º ciclo

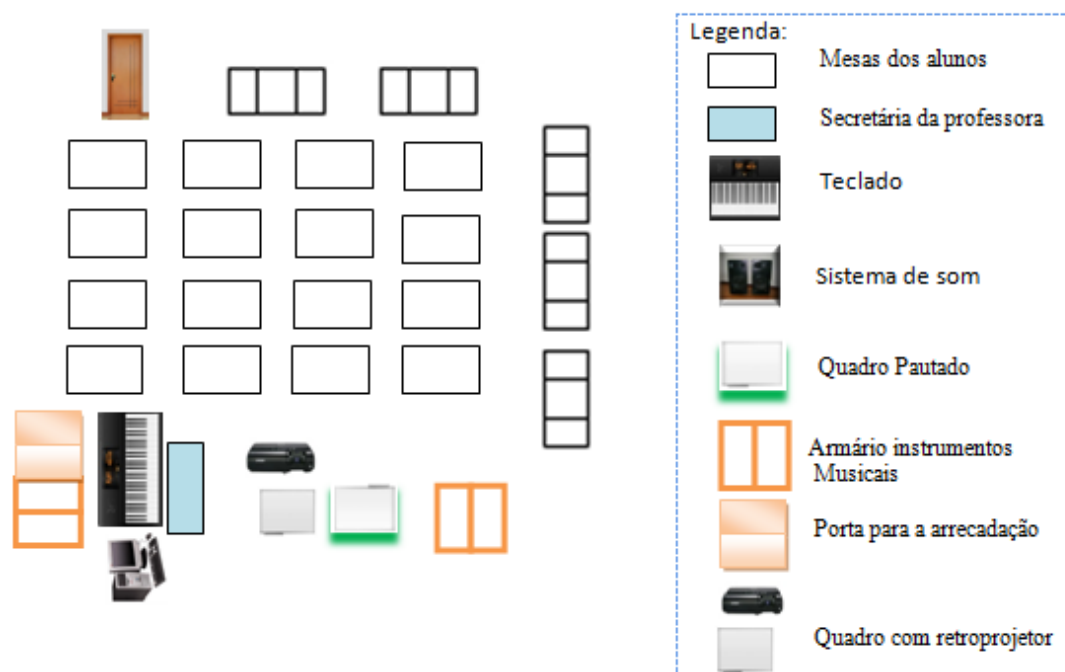
Figura 6: Sala de aula Prática Educativa II



Figura 7: Arrecadação da Sala da Prática Educativa II



Figura 8: Planta da Sala da Prática Educativa II



Ao contrário da Prática Educativa I, existia uma sala específica para a Ed. Musical. Normalmente a sala tem um aspeto de arrumada à exceção da arrecadação onde se encontram os instrumentos existentes. No primeiro dia, na chegada à arrecadação, constatou-se que os instrumentos (tambores, pandeiretas, clavas, triângulos, entre outros) estavam todos amontoados, cheios de pó e os xilofones com as lâminas todas trocadas, dando a entender que a maioria dos instrumentos musicais já não eram utilizados há bastante tempo. Foi realizado um trabalho de organização e limpeza da arrecadação, para que fosse possível utilizar os instrumentos musicais ao longo da Prática Pedagógica do 2º ciclo.

De um modo geral, pode-se dizer que a sala de Educação Musical está bem equipada. Para além, dos instrumentos musicais acima mencionados, fazem parte quadro pautado, aparelhos de multimédia (computador com acesso à internet, quadro com retroprojektor, sistema de som), quadro pautado e teclado.

No que diz respeito ao espaço físico regista-se o espaço relativamente pequeno para exploração do movimento corporal, o que obrigou a usar alguma imaginação para aumentar e tornar a sala de Educação Musical mais ampla.

c) A Turma do 6º ano

A Prática Pedagógica do 2º ciclo, decorreu numa turma de 6º ano (B).

A turma em questão é constituída por vinte alunos, sendo onze raparigas e nove rapazes. Na turma não existia alunos retidos, somente dois com Necessidades Educativas Especiais (NEE).

Como podemos observar no Plano de Trabalho da Turma (PTT) (ver anexo B), a turma é bastante heterogénea. O nível escolar e o nível socioeconómico dos Encarregados de Educação é relativamente baixo.

No que diz respeito, às características da turma, poderei dizer que é uma turma de um modo geral, bastante distraída e faladora, o que compromete o seu desempenho e aproveitamento nas aulas. Apesar dos aspetos menos positivos acima mencionados, reparei que é uma turma que manifesta interesse em várias áreas de conhecimento e que participa em várias atividades de enriquecimento curricular.

Em relação às capacidades musicais, senti que a turma tinha muitas dificuldades de leitura musical convencional e praticamente não tinham noção de alguns conceitos básicos de música.

d) Desenvolvimento da Prática Pedagógica do 2º ciclo

A Prática Pedagógica do 2º ciclo decorreu entre 12 de março de 2014 e 11 de junho de 2014. Ao longo deste período realizaram-se aulas lecionadas, aulas assistidas e uma aula supervisionada. Teve a supervisão do professor César Nogueira e a cooperação da professora Paula Vales. As aulas ocorreram ao longo de 12 semanas, num bloco semanal de 90 minutos.

O professor de Educação Musical deve ser uma pessoa dinâmica, criativa já que a música permite fazer variadíssimas atividades através de instrumentos. A flauta de bisel e instrumentos Orff, são os instrumentos que as escolas adotam. Devem ser criadas atividades através da voz e do próprio movimento corporal, e assim tornar as aulas animadas e originar dinâmicas, seguindo a orientação de alguns pedagogos estudados ao longo dos estudos superiores, como Jaques Dalcroze que defende a compreensão corporal precede e acompanha a compreensão intelectual e pode tornar-se preponderante. Para tal, foram realizadas ao longo da Prática Pedagógica do 2º ciclo, variadíssimas Audições Ativas de vários estilos musicais para desenvolver os ritmos e as noções harmónicas e melódicas que são vividas através do movimento, do jogo, da improvisação, dos exercícios de reação, coordenação ou de dissociação. Estas Audições Ativas incidiram essencialmente sobre repertório português de carácter popular/tradicional como defendia o pedagogo Zoltán Kodály.

Kodály acreditava que o estudo da música com as crianças devia partir das canções folclóricas e dos conhecimentos musicais que podiam ser explorados em seu estudo e através dessas canções ir expandir o universo musical até alcançar a compreensão da literatura musical universal.
(www.wikipedia.org)

Numa perspetiva global da Prática Pedagógica do 2º ciclo, os objetivos foram atingidos, dado que foi possível desenvolver nos alunos competências musicais que não tinham adquirido até à data ou estavam pouco consolidadas. Foram seguidas as metodologias e estratégias diversificadas e as Orientações Curriculares do Ensino Básico – 2º Ciclo (1991).

O facto de a música acontecer em tempo real, implica, por parte de quem a faz, uma capacidade de tomar decisões rápidas e coerentes, tanto sob o ponto de vista técnico como artístico; (...) As práticas vocais e instrumentais, de naturezas culturais diversificadas, são formas de percepção e consciencialização do corpo, numa perspectiva da sua relação com o espaço, o tempo e os outros, com um enfoque especial no respeito pela partilha de contextos comuns. Por outro lado, o envolvimento em práticas artísticas diferenciadas propicia mecanismos de bem-estar e de qualidade de vida. (Orientações Curriculares do Ensino Básico – 2º Ciclo, 1991: 153).

Do trabalho desenvolvido salienta-se a prática instrumental de flauta que era bastante limitada e a prática em instrumental Orff com os quais os alunos praticamente nunca tinham estado em contacto. Por fim, salienta-se as capacidades desenvolvidas a nível do canto. No início da Prática Pedagógica do 2º ciclo, os alunos cantavam sem qualquer aquecimento prévio, cantavam de qualquer forma e não tinham interesse musical. No desenrolar das aulas foi notório o desenvolvimento dos alunos nas interpretações das canções aprendidas e o interesse manifestado. Esta maior motivação dos alunos, levou-os a declarar que também participavam em atividades extra escola: bandas de música, grupos de bombos e escolas de música. Assim, surgiu a vontade de ambas as partes de criar aulas interativas, com a participação da professora cooperante, professor estagiário e os alunos, na preparação da missa de final de ano.

Em suma, salienta-se a evolução sentida ao longo da Prática Pedagógica do 2º ciclo, mesmo no que foi sugerido pelo orientador professor César, de que as aulas deveriam ser realizadas num contexto de sala de ensaio. As aulas foram sempre organizadas e preparadas com antecedência, respeitando o currículo e as necessidades e motivações dos alunos. Foi uma experiência enriquecedora e que permitiu criar bons alicerces para a etapa seguinte, a Prática Pedagógica do 3º ciclo.

Quadro 2: Cronograma da Prática Pedagógica do 2º ciclo

Aula	Dia	Resumo das atividades
	Mês	
1	12	Apresentação do professor estagiário e dos alunos. Pequeno diálogo com os alunos e cooperação ao resto da aula da professora cooperante.
	Mar.	
2	19	Aquecimento vocal com ordenações cantadas. Aprendizagem das notas da canção “Dunas” na flauta. Execução de um Ostinato rítmico para bombos e tarola. Aprendizagem letra da canção “Dunas” dos Resistência”, com o acompanhamento do teclado.
	Mar.	
3	26	Audição Ativa da canção “O Anzol”, com batimentos corporais. Aquecimento vocal. Aprendizagem da letra e música da canção, utilizando o teclado e a guitarra clássica para acompanhamento e consolidação. Contextualização do grupo “Rádio Macau”.
	Mar.	
4	02	Audição Ativa da “Canção dos Abraços” de Sérgio Godinho. Aquecimento vocal. Aprendizagem da letra e música da canção, acompanhada pelo teclado. Contextualização do cantor. Exploração da Densidade Sonora da canção.
	Abr.	
5	23	Notação musical. Prática instrumental de flauta. Aprendizagem da música “Brincadeiras em terceiras” na flauta.
	Abr.	
6	30	Aquecimento vocal. Prática instrumental de flauta. Aprendizagem de uma música na flauta “Cânone”. Após a consolidação da música, introdução e prática do conceito musical “Cânone” a duas vozes.
	Abr.	
7	07	Audição Ativa do tema “Rolling in the deep”, com batimentos corporais. Aquecimento vocal. Aprendizagem da letra e música da canção, através da imitação, com o suporte do teclado. Aprendizagem de um pequeno acompanhamento nas flautas por imitação.
	Mai.	
8	14	Continuação do arranjo do tema “Rolling in the deep”. Aquecimento vocal. Prática instrumental nos xilofones e aprendizagem da música nas lâminas. Execução final do arranjo.
	Mai.	
9	21	Ensaio das músicas: “Dunas”, “O Anzol”, “Rolling in the deep” e “Brincadeiras em terceiras” para apresentação final no polivalente.
	Mai.	

Exemplo de uma planificação (Aula 3). Restantes planificações (Anexo B)

PLANO DE AULA 2º CICLO 6º ANO		Turma B	Centro de estágio: EB 2 3 de Sobreira Paredes	Data: 7 / 05 / 2014
Duração da aula 90 min.		Nome do estagiário: José António Moreira de Sousa		Lição nº 7

CONCEITOS	TIMBRE	DINÂMICA	ALTURA	RITMO	FORMA
CONTEÚDOS	Voz humana Tarola Bombo Xilof. baixo, alto Met. Baixo Flautas Teclado	Sforzando Tenuto	Tonalidade	Síncopa	

RECURSOS ESPECÍFICOS	MATERIAIS MUSICAIS
Manual (pp.60 e 61) Teclado. Aparelhagem sora	Partitura. Da música "Rolling in the deep"

TEMAS / TÓPICOS	ACTIVIDADES / ESTRATÉGIAS
"Rolling in the deep" Audição de um excerto original do tema. "Rolling in the deep"	Ouvir a o tema e realizar acompanhamentos com batimentos corporais. Estar atentos em particular à melodia pois esta é para reproduzir com a fluta e a própria voz.
Aquecimento vocal e exercícios de vocalizos.	- O professor coloca os alunos de pé, logo no início da aula, e lembra que esta atividade será para ser feita todas as aulas. Ex: (Dó, ré, mi. Ré, mi, fá. Mi, fá, sol, etc.) acabar com a canção "música no coração".
Aprendizagem da letra "Rolling in the deep"	- O professor canta e toca a música no teclado, coloca a letra no quadro e os alunos seguem o professor cantando a letra para que a assimilem. - O professor utiliza um instrumento de apoio à aprendizagem e ao acompanhamento da canção (teclado)
Técnicas de ensaio	- Usar técnicas de ensaio para melhorar aspetos musicais na interpretação, tais como executar variados exercícios de vocalizos, ensinando técnicas de relaxamento dos músculos faciais. - <u>Ensaio</u>
Gravação	- Fazer várias gravações, aproveitando esta tarefa como motivação para o aperfeiçoamento musical do material musical
Nota biográfica	- Falar um pouco sobre a cantora e compositora Adele.

e) Clube de Música

O Clube de Música nasce na perspetiva de preparação para a celebração eucarística dos finalistas do 9º ano. Foi proposta a orientação deste Clube de Música no horário destinado à professora cooperante (quarta-feira das 12.00-14.00). Foi realizado uma pesquisa na escola, junto dos alunos que já tinham contacto com a música e que quisessem participar para animar a celebração eucarística.

Nos primeiros momentos passados no clube, optou-se por começar a tocar e cantar músicas a gosto dos alunos para criar um bom ambiente e motivá-los o mais possível. Concordou-se que o ensino da música tem que ser essencialmente prático. A aprendizagem da música envolve esforço, atenção e motivação.

É já aceite de modo geral pelos professores que a música deve ser uma disciplina prática. Swanwick, K. in (Spruce, G 1996:21-46)

Após o estudo de vários autores, reconhece-se que os benefícios da música na escola, são muitos, já que ela provoca um forte estímulo no cérebro, facilita a expressão do pensamento, desenvolve a memorização. Ao mesmo tempo, tocar instrumentos fortalece e melhora a coordenação motora.

No início da atividade do clube havia alunos a cantar e tocar guitarra clássica, interpretando músicas portuguesas como: “ A noite”, “Dunas”, “Homem do leme”, entre outras. O objetivo era valorizar a música portuguesa, tantas vezes esquecida, e seguir os métodos utilizados pelos pedagogos Zoltán Kodály e Jaques Dalcroze, que já foram referidos anteriormente.

Foi comunicado aos alunos do Clube de Música a participação na celebração eucarística. Existiram alunos que inicialmente não gostaram muito da ideia, mas aos poucos foram-se motivando. Cada semana que passava iam aparecendo alunos novos

ao clube e o mais interessante é que alguns já estudavam música. Era uma alegria ver esses alunos presentes de forma tão empenhada no clube.

Após a escolha dos cânticos que faziam parte da celebração, foram feitos arranjos para vários instrumentos como flauta transversal, clarinete e órgão litúrgico, já que havia alunos que tocavam esses instrumentos. Aos poucos foram ensaiados os cânticos, num trabalho árduo mas que no fim da celebração, compensou pelo apreço demonstrado pelo diretor do Agrupamento, pelo Senhor Padre da Paróquia da Sobreira e todos os participantes.

Figura 9: Ensaio para a Celebração Eucarística



As duas últimas semanas de aulas, foram preenchidas com ensaios para a missa, com os alunos do clube, com a professora de educação musical e todos os alunos do 9º ano que iriam cantar.

Figura 10: Ensaio para a Celebração Eucarística



Para finalizar, foi feito um balanço bastante positivo do trabalho realizado com os alunos do clube, já que houve sempre um magnífico ambiente e motivação.

f) Reflexão final, individual, sobre todo o processo da Prática Pedagógica do 2º ciclo

Após a dificuldade passada na Prática Educativa I, a experiência adquirida nessa mesma, foi fundamental para encarar com mais segurança a próxima etapa, Prática Pedagógica do 2º ciclo.

Com o início da Prática Pedagógica do 2º ciclo, rapidamente foi evidente que a idade dos alunos era diferente, logo, toda a sua forma de entender, perceber e adquirir os conhecimentos passados era completamente diferente.

Ao longo deste processo foi gratificante desenvolver nos alunos competências musicais a vários níveis tais como a leitura musical, o cantar afinado, a prática instrumental de flauta de bisel e instrumental Orff, guitarra clássica, teclado e fundamentalmente, o trabalhar música em conjunto. Este trabalho conferiu-lhes valências no campo musical, mas também os preparou para uma vida social em comunidade, para além da comunidade escolar.

Por fim, será de deixar uma palavra de apreço à turma do 6º B, por terem sido sempre participativos, colaboradores com as atividades musicais propostas. Um agradecimento especial ao professor César Nogueira por todo o apoio e orientação pedagógica no desenrolar deste processo e à professora cooperante Paula Vales por estar sempre disponível para ajudar no necessário.

Prática do Ensino Supervisionado no 3º ciclo do Ensino Básico

a) Caracterização da Escola EB 2/3 Sophia de Mello Breyner

A Escola EB 2/3 Sophia Mello Breyner, localiza-se na Rua Lameiro Novo, na freguesia de Arcozelo, na cidade de Vila Nova de Gaia, distrito do Porto. Foi atribuído à Escola estatuto de sede de agrupamento de escolas. Abrange a população residente das freguesias de Arcozelo, S. Félix da Marinha e Serzedo.

O Agrupamento é constituído pelas escolas EB1/JI Aguda, JI Aguda, EB1/JI Chãos Velhos, EB1/JI Sá, EB1 Boavista, EB1/JI do Corvo, EB1 Miramar, EB1 Brito, EB1/JI Espinho, EB1/JI Monte, EB1 Granja, EB1/JI Matosinhos, EB1/JI Moinhos, EB1 Curvadelo, EB1 Outeiro e EB 2/3 Sophia de Mello Breyner.

Deste Agrupamento fazem parte cerca de 2180 alunos e conta com um corpo docente mais ou menos estável de aproximadamente 150 professores bem como um corpo não docente que ronda os 33 funcionários. Tem oferta de pré-escolar, os três ciclos de escolaridade, dando continuidade no ensino secundário na Escola Arquitecto Oliveira Ferreira.

Em relação à Escola EB 2/3 Sophia Mello Breyner, regista-se alguns problemas a nível de instalações. Não tem um número de salas de aula suficiente para abranger todos os alunos do 2º e 3º ciclos de escolaridade, originando um desdobramento total e obrigando aos alunos a terem que sair mais tarde. Este facto provoca dificuldades na marcação de reuniões e na prática de trabalho colaborativo dos docentes, bem como na gestão do corpo não docente. Outro problema das instalações diz respeito à degradação dos edifícios. Necessita urgentemente de novas instalações. Esta escola foi assemelha-se muito àquela onde decorreu a Prática Educativa II (Escola EB 2/3 Sobreira), tendo sido construída na mesma época.

Figura 11: Escola EB 2/3 Sophia Mello Breyner



Figura 12: Sophia de Mello Breyner



b) A Sala da Prática Pedagógica do 3º ciclo

Figura 13: Sala Prática Pedagógica do 3º ciclo



Figura 14: Sala da Prática Pedagógica do 3º ciclo



Figura 15: Planta da Sala Prática Pedagógica do 3º ciclo



A Sala de Educação Musical da Prática Pedagógica do 3º ciclo, é uma sala específica, destinada unicamente à prática da Educação Musical. Tem uma grande vantagem pois os instrumentos podem dispostos e expostos da forma que o professor entender.

Comparativamente à Sala da Prática Pedagógica do 2º ciclo, esta contém os instrumentos bem conservados e bem organizados pela sala e arrecadação. É notório e de salientar o empenho do professor em manter os instrumentos musicais bem conservados e arrumados.

c) A Turma de 7º Ano

Esta turma caracteriza-se por ser bastante homogénea no seu todo. A nível de comportamento é bastante razoável, à exceção de dois alunos que, apesar de inquietos, se conseguem controlar. Os alunos têm uma participação bastante ativa nas atividades musicais dentro e fora da sala de aula. No que diz respeito ao nível musical, é uma turma com bastantes competências musicais e isso nota-se no resultado das atividades realizadas na sala de aula de acordo com as planificações.

d) Desenvolvimento da Prática Pedagógica do 3º ciclo

A Prática Pedagógica do 3º ciclo, decorreu entre 11 de março de 2014 e 20 de maio de 2014. Ao longo deste período realizaram-se aulas lecionadas e uma aula supervisionada. Teve a supervisão do professor César Nogueira e a cooperação do professor José Torcato David. As aulas ocorreram ao longo de 8 semanas, num bloco semanal de 90 minutos.

Aquando do início da Prática Pedagógica do 3º ciclo, o professor cooperante referiu que o módulo a trabalhar seria “Músicas do Mundo”, seguindo as estratégias e planos do manual de Educação Musical para o 3º ciclo “MP3”, dos autores Maria Helena Cabral e André Sarmento da Porto Editora. Como tal, de todo este processo das Práticas Pedagógicas, foi a que permitiu menor liberdade de alternativas para as planificações a desenvolver ao longo das aulas. Apesar de todas as limitações mencionadas acima, nas foram adaptadas as metodologias pessoais de trabalho de forma a ir um pouco ao encontro do pretendido pelo professor orientador. Para tal, como aconteceu na Prática Pedagógica do 2º ciclo, foram criadas as aulas de música em forma de ensaios.

As atividades realizadas ao longo deste módulo, vão ao encontro das Orientações Curriculares do 3º ciclo para a música. Paralelamente às atividades por planificadas, surgiu a necessidade de adaptação à turma 7º C, dado esta turma ter

uma participação ativa no Plano Anual de Atividades (Anexo C). Exemplos disso são as participações no 31 de Março no XXI no Concurso de flauta de bisel, nas Comemorações dos 40 anos do 25 de Abril, Concerto de Laureados do XIX concurso de flauta e por fim no Ensemble Sophia de Mello Breyner.

Desta turma faziam parte alunos que estão contacto com a música fora da escola. São os casos de sete alunos que frequentam o Conservatório de Música, a Academia de Música, o Rancho Folclórico e Bandas de garagem. Para cativar e motivar mais os alunos, foram apresentadas experiências pessoais, envolvendo participação em variadíssimos grupos musicais de vários estilos.

Os professores mais entusiásticos são mais capazes de captar a atenção dos alunos e de estabelecer com eles uma cooperação, bem como um feedback imediato das atividades, assente numa postura positiva e que produz nos alunos um sentimento de sucesso (Pinto,2004:37)

Ao longo deste módulo “Músicas do Mundo”, foi interessante sentir e ver, a reação dos alunos às audições de músicas de diversas culturas espalhadas pelo Mundo e a forma como eram relacionadas com a música ocidental.

Quadro 3: Cronograma da Prática Pedagógica do 3º ciclo

Aula	Dia	Resumo das atividades
	Mês	
1 (lições 9/10)	11	Apresentação do professor estagiário e dos alunos. Apresentação de um power Point com as características musicais e respetivos instrumentos da Música Africana. Aprendizagem e execução de um fragmento rítmico da música africana (Sofa).
	Mar.	
2 (lições 11/12)	18	Entrega e correção da ficha de avaliação do módulo anterior. Power Point com as características da Música Árabe. Os Modos Mâgam. Monódica e Polifonia. Execução instrumental da peça “Mkhulfi” (música tradicional árabe).
	Mar.	
3 (lições 13/14)	25	Power Point com as características da música Indiana e a Música do Extremo Oriente principais características e instrumentos. Execução instrumental das peças: “Lessaouanak” (Índia) e “Sakura” (Japão).
	Mar.	
4 (lições 15/16)	01	Power Point sobre a Música na Oceania, as principais características. Música em algumas regiões da Europa (Espanha, Irlanda, Rússia e Itália). Atividade instrumental “Kalinka”.
	Abr.	
5 (lições 17/18)	22	Power Point sobre a Música Latina-Americana. Prática instrumental Orff. Aprendizagem e execução instrumental dos temas: “Guatanamera” e “Frevo”.
	Abr.	
6 (lições 19/20)	06	Power Point sobre Improvisações. A Música ao longo dos tempos. Atividades instrumentais de ritmos do estilo Jazz e pequena melodia.
	Mai.	
7 (lições 21/22)	13	Continuação das atividades instrumentais do estilo Jazz.
	Mai.	

Exemplo de uma planificação (Aula 1). Restantes planificações e apresentações de Power Point (Anexo C)

PLANO DE AULA	Turma	C	Centro de estágio: Escola EB2,3 Sophia Mello Breyner Arcozelo Vila Nova de Gaia	Data: 11 /03/ 2014
	Nº de aula do módulo	1 /2		
	Duração da aula	90min.		
3º CICLO			Nome do estagiário: José António Moreira de Sousa	
7º ANO				Lição nº 1

SELECÇÃO DE UM MÓDULO										
Formas e estruturas	Improvisações	Melodias e arranjos	Memórias e tradições	Música e movimento	Música e multimédia	Música e tecnologias	Músicas do mundo	Pop e Rock	Sons e sentidos	Temas e variações

DOMÍNIOS	
1. Pressupostos do módulo	Músicas do Mundo (Músicas e danças de culturas Ocidentais e não Ocidentais, códigos e convenções existentes em diferentes culturas, instrumentos e danças ou rituais tradicionais. Música Africana
2. Competências anteriores	Ter conhecimento da música tradicional do nosso país para poder comparar.
3. Vocabulário musical	A Música é uma linguagem Universal e como tal é entendida por todos, independentemente da nacionalidade. Cordofones, Membranofones, idiofones, aerofones, instrumentos de altura definida e indefinida. Polifonias (heterofonia, polifonia paralela e imitação).
4. Recursos	Computador, aparelhagem sonora, Djembé, xilofones, corpo (palmas e voz), bongós, tamborim e timbale.
5. Actividades de aprendizagem	Apresentação de um PowerPoint com o sumário da aula e imagens de instrumentos musicais e sons dos mesmos. Frases alusivas ao tipo de música e cultura praticada em africa.
6. Actividades de enriquecimento	Execução de um fragmento rítmico de música tradicional africana (Sofa)
7. Expectativas de aprendizagem	Que os alunos fiquem com uma ideia do tipo de ritmos praticados em africa, e um pouco da sua história musical.

ACTIVIDADES / ESTRATÉGIAS

- 1º- Chamada feita aos alunos para confirmação de presença.
- 2º- Passar o sumário para o caderno, e as frases alusivas à história e aos instrumentos musicais.
- 3º- Ouvir os sons colocados no computador e identifica-los associando-lhes um instrumento musical.
- 4º- Comparar os sons de africa com outros sons e sentir e ouvir a diferença.
- 5º- Ensinar os batimentos rítmicos do fragmento de música tradicional.
- 6º- Distribuir os instrumentos pelos alunos e executar o aprendizado do fragmento rítmico.
- 7º- Se possível gravar o resultado.

Reflexão

A aula correu lindamente, apenas não foi possível gravar no final o resultado.
Os alunos estavam ainda pouco à vontade, pois era a primeira aula com o estagiário.
Senti que poderia melhorar a forma de dar a aula, pois achei muita matéria teórica para dar e pouca música para se tocar, no entanto o professor David (cooperante) disse que estava muito bem, tendo apenas ajudado na forma como ensinar o ritmo aos alunos porque sentiu que se estava a perder muito tempo.

e) Reflexão final, individual, sobre todo o processo da Prática Pedagógica do 3º ciclo

Depois de ter terminado a Prática Pedagógica do 3º ciclo, é notório que uma turma homogénea no seu geral, com um comportamento ajustado à sala de aula, permite um trabalho mais rico e mais produtivo. No que diz respeito às competências musicais, os alunos já tinham um caminho musical feito na própria escola, que os dotava com competências excecionais relativamente a outras escolas. Assim, foi bastante enriquecedor a realização da Prática Pedagógica do 3º ciclo, coincidente em tempo com a Prática Pedagógica do 2º ciclo, porque assim puderam ser constatadas grandes diferenças existentes entre crianças quase da mesma idade mas de zonas diferentes e com uma dinâmica musical completamente antagónicas.

Paralelamente à Prática Pedagógica do 3º ciclo, decorria um Clube de Guitarra Clássica, sendo importante o facto de fazer parte e colaborar, dado a formação de base ser guitarra clássica. Só por este tipo de clube é possível ver a cultura musical que predomina na escola. Outro aspeto a salientar eram os ensaios do grupo de Ensemble existente na escola (Orquestra com cerca de 30 alunos).

Para finalizar, é de salientar a realização da Prática Pedagógica do 3º ciclo nesta escola, pois permitiu conhecer uma realidade diferente do ensino da música.

Agradecendo muito a todos os alunos pertencentes à turma e ao clube e não podendo esquecer do professor orientador pelo apoio ao longo do processo e ao professor cooperante que acompanhou todas as aulas lecionadas, interagindo sempre de uma forma subtil e pontual nas minhas intervenções, reconheço a importância de todos neste processo.

Metodologia

Durante as Práticas Pedagógicas uma preocupação esteve sempre presente: procurar compreender sempre a relação.

Para tal com essa finalidade fez-se uma breve pesquisa utilizando o método de investigação descritiva pela aplicação de um inquérito por questionário.

Segundo Cohen & Manion,1994; Robson,1993, o questionário é eficiente em tempo e esforço; facilita a recolha de dados e poderemos ter um grande número de participantes.

A amostra consistiu-se por dois grupos de 43 alunos (19 alunos do 2º ciclo da Escola EB 2/3 da Sobreira, pertencente ao concelho de Paredes e 24 alunos do 3º ciclo da Escola EB 2/3 Sophia de Mello Breyner no concelho de Vila Nova de Gaia). Os alunos são constituídos por duas faixas etárias: 2º ciclo, dos 10 aos 12 anos de idade e o 3º ciclo, dos 13 aos 15 anos de idade. Os questionários foram entregues e preenchidos presencialmente, dentro da sala de aula, e com carácter anónimo.

Optou-se por estas duas escolas, dado o contacto permanente com as mesmas e aproveitando o facto de serem de concelhos diferentes. A escola EB 2/3 da Sobreira associou-se à Prática Pedagógica do 2º ciclo e a Escola EB 2/3 Sophia de Mello Breyner à Prática Pedagógica do 3º ciclo.

Em relação ao questionário, foi pensado e criado sobre o pretexto de sala de aula. Pretendeu-se saber qual a relação que os alunos têm com a escola e em especial com a disciplina de Educação Musical e tudo o que a envolve. Fazem parte do questionário perguntas fechadas e uma pergunta aberta. Na última pergunta do questionário (pergunta aberta), foi criado um sistema de categorização dos dados, baseado nas respostas efetuadas pelos alunos. As categorias iniciais foram sendo reagrupadas e alteradas conforme as respostas dadas pelos alunos.

1ª Interações; Direção – Corpo Docente – Alunos – Encarregado de Educação

Comunicação entre Direção e Alunos/Enc. Educação;

Informações, comunicados e avisos por parte da coordenação pedagógica;

Facilidade em comunicar com a direção; dificuldades, questões, problemas, etc;

A direção procura soluções para os problemas apresentados pelos alunos pais e comunidade.

2ª Qualidade de Ensino: Professor/aluno Música

Comunicação professor/aluno;

Domínio dos conteúdos que leciona aos alunos;

Capacidade de exposição dos conteúdos;

Ambiente da sala de aula;

Interesse em ouvir e tirar dúvidas aos alunos;

Clareza na exposição dos conteúdos;

Capacidade de motivação do aluno;

Respeito pelos alunos;

Respeito pelas instalações e pelo material didático.

3ª Principais fatores para as dificuldades sobre a matéria

Matéria complicada;

Falta de estudo;

Aulas com muito barulho;

Não gostar da matéria dada;

Dificuldades de anos anteriores;
Professores não explicam bem;
Falta de tempo para estudar;
Disciplina sem interesse curricular;
Não tem dificuldades.

4ª Fatores para o sucesso nas aulas de música

Estar atento nas aulas;
Compreender o que os professores dizem;
Estudar em casa;
Bom ambiente na sala de aula;
Gostar da matéria;
Dedicação e vontade de aprender;
Disciplina com continuidade curricular.

Nestas quatro perguntas fechadas, os alunos tiveram que classificar cada item segundo cinco classificações, sendo elas: Muito Insuficiente (MI), Insuficiente (I), Suficiente (S), Bom (B) e Muito Bom (MB).

Por fim, faz parte uma quinta pergunta de carácter aberto, onde se pretende uma opinião do aluno:

5ª Na sua opinião, o que deveríamos mudar para melhorar o ensino da música nas nossas escolas? Comente com algumas frases.

Para análise dos resultados, foi realizado o somatório das respostas dos alunos em cada questão e respetivos itens para futuramente confrontar com a linha pessoal de pensamento e a dos autores abordados ao longo do tema.

Análise dos resultados:

Gráfico 3: Resultados do 2º ciclo à Pergunta 1

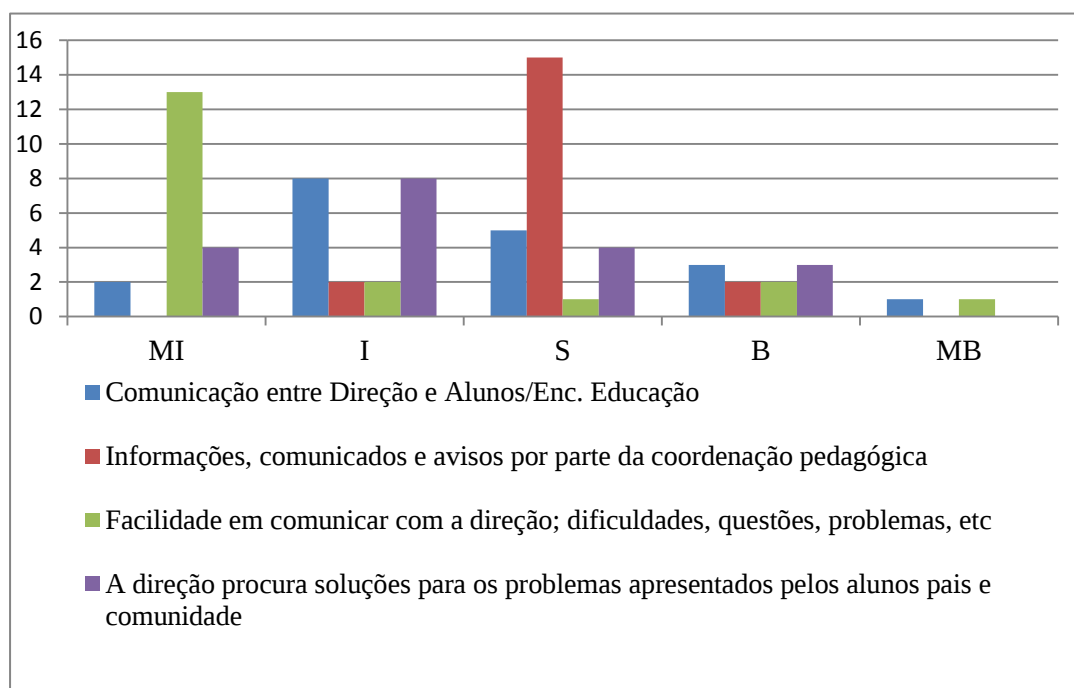
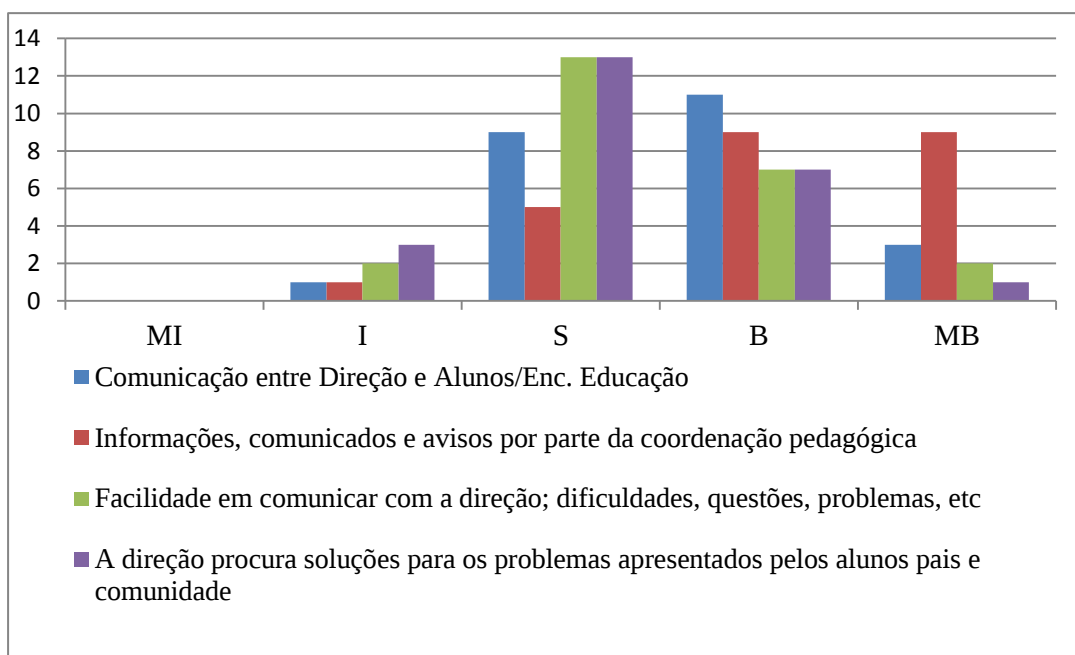


Gráfico 4: Resultados do 3º ciclo à Pergunta 1



Na primeira pergunta, como podemos observar nos Gráficos 3 e 4, é notório a diferença do relacionamento da direção com o resto da comunidade educativa. No 2º ciclo esta relação é bastante mais reduzida do que no 3º ciclo.

Gráfico 5: Respostas do 2º ciclo à Pergunta 2

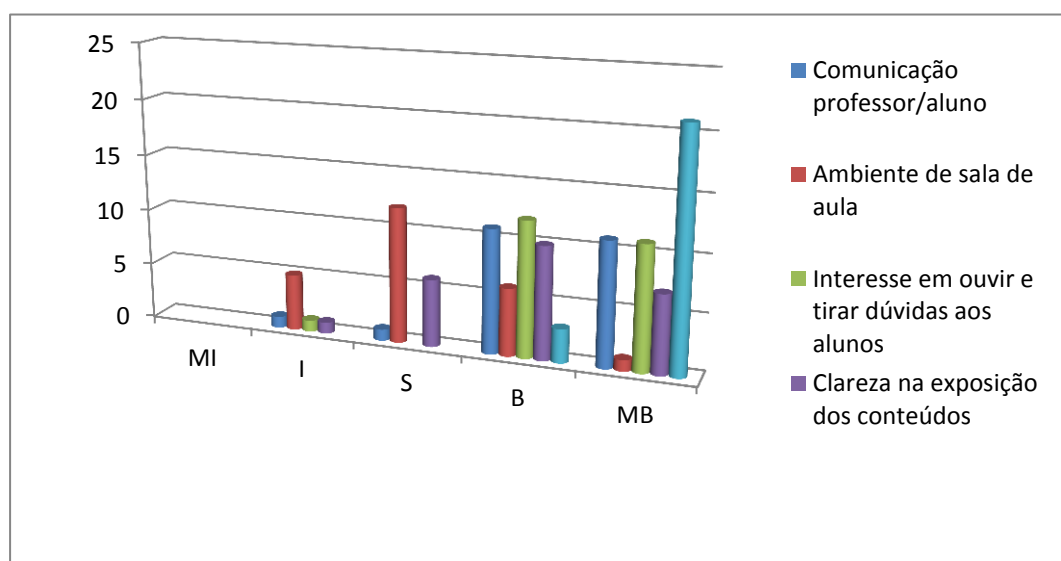
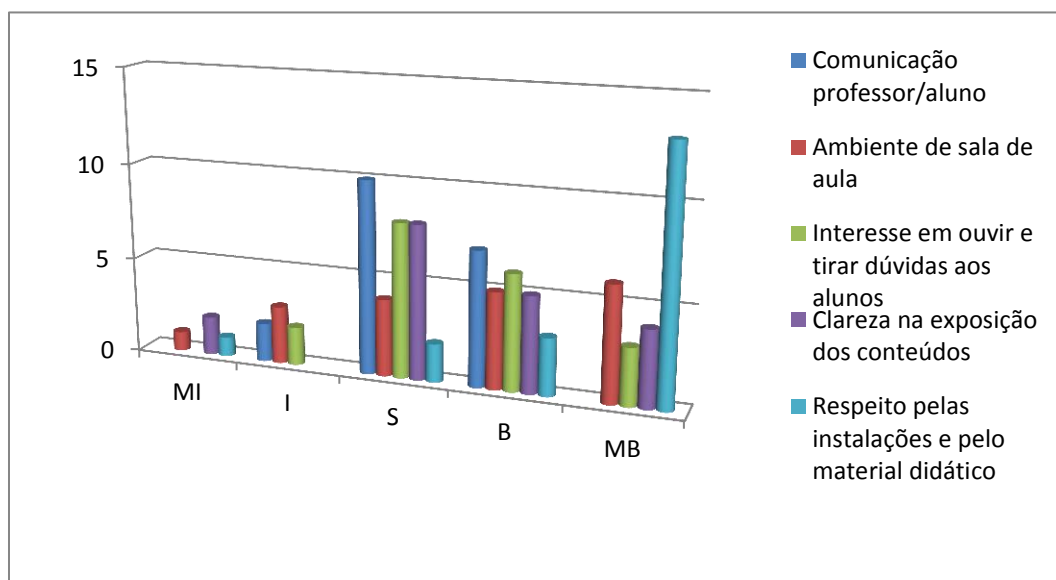


Gráfico 6: Respostas do 3º ciclo à Pergunta 2



Na análise à pergunta 2, verificou-se que a relação entre professor/aluno e a sala de aula atinge uma percentagem bastante positiva.

Tabela 1: Respostas do 2º ciclo à Pergunta 4

	Total
Matéria complicada	4
Falta de estudo	2
Aulas com muito barulho	15
Não gostar da matéria dada	10
Dificuldades de anos anteriores	8
Professores não explicam bem	2
Falta de tempo para estudar	11
Disciplina sem interesse curricular	6
Não têm dificuldades	5

Tabela 2: Resposta do 3º ciclo à pergunta 3

	Total
Matéria complicada	9
Falta de estudo	5
Aulas com muito barulho	20
Não gostar da matéria dada	10
Dificuldades de anos anteriores	8
Professores não explicam bem	2
Falta de tempo para estudar	9
Disciplina sem interesse curricular	7
Não têm dificuldades	0

Nesta pergunta 3, como são evidenciados nas Tabelas 1 e 2, o facto de aulas com muito barulho, é referido pelos alunos como sendo o principal ponto a melhorar nas aulas de música. Um dos fatores para este “barulho” em contexto de sala de aula, poderá ser originado pelo facto de que os alunos não gostam da matéria dada, como demonstram as Tabelas. Dos 43 alunos que faziam parte da amostra, 35 deles, referiram este item como principal motivo da falta de sucesso nas aprendizagens.

Tabela 3: Resposta do 2º ciclo à pergunta 4

	Total
Estar atento nas aulas	17
Compreender o que os professores dizem	17
Estudar em casa	9
Bom ambiente na sala de aula	14
Gostar da matéria	17
Dedicação e vontade de aprender	16
Disciplina com continuidade curricular	9

Tabela 4: Resposta do 3º ciclo à pergunta 4

	Total
Estar atento nas aulas	22
Compreender o que os professores dizem	21
Estudar em casa	17
Bom ambiente na sala de aula	23
Gostar da matéria	12
Dedicação e vontade de aprender	21
Disciplina com continuidade curricular	4

Na resposta à pergunta 4, os alunos dos dois ciclos foram unânimes nos itens selecionados. Salienta-se que, no 3º ciclo, um grande número de alunos já pensa na disciplina com continuidade curricular.

Tabela 5: Respostas do 2º ciclo à pergunta aberta

Categorias:	Total
Comportamento em Sala de Aula	7
Mais variedade de instrumentos musicais	10
Mais Audição/Interpretação (Prática)	9
Trabalhar diferente repertório em espaços físicos diferentes	7
Não gosta da disciplina	3

Tabela 6: Respostas do 3º ciclo à Pergunta aberta

Categorias:	Total
Comportamento em Sala de Aula	5
Mais variedade de instrumentos musicais	6
Mais Audição/Interpretação (Prática)	3
Mais tempo de aulas semanais e continuidade ao do percurso escolar	8
Não gosta da disciplina	1

Na Tabela 6, referente às respostas à pergunta aberta do 3º ciclo, tenta-se de certa forma, utilizar as mesmas categorias da Tabela 5 do 2º ciclo. Para ter o mesmo número de categorias em ambas as Tabelas, para melhor as poder comparar, foi substituída a categoria “Trabalhar diferente repertório em espaços físicos diferentes” pela categoria “Mais tempo de aulas semanais e continuidade ao do percurso escolar”.

Esta pergunta aberta foi feita com a intenção de obter, através dos próprios alunos, uma autoavaliação de todo o ambiente circundante à disciplina de Educação Musical. Como análise destas duas últimas Tabelas, verifica-se que a existência de mais variedade de instrumentos musicais em sala de aula, poderia ser um dos fatores para uma melhor empatia com a música. Trabalhando diferente repertório, como sugerido pelos alunos do 2ºciclo, e tendo mais aulas semanais, como sugerido pelos alunos do 3º ciclo, talvez se possa melhorar a relação em sala de aula.

Conclusão

Em conclusão deste Relatório de Estágio e dado por terminado este ciclo de estudos, é de salientar o grande crescimento a nível profissional e pessoal que desenvolvi.

Referindo-me à Práticas Educativa I e às Práticas Pedagógicas do 2º e 3º ciclo, tenho consciência plena que realizei e dei o meu melhor, tanto nas atividades desenvolvidas com os alunos assim como na relação com os mesmos. Ao longo destas Práticas Pedagógicas procurei seguir com rigor as orientações curriculares para os três ciclos de escolaridade, nunca esquecendo das ajudas dos professores cooperantes e dos conselhos dos professores orientadores.

O tema desenvolvido no Relatório de Estágio faz referência ao cruzamento de dois tipos de contextos onde é praticada educação musical, por um lado o “Formal” e por outro o “Não-formal”. Tendo explorado uma vasta literatura sobre este tema principalmente em casos referenciados em estudos no Brasil associados á pratica musical (Prass, 1998 e Muller, 2000). Estes autores referem nas suas pesquisas que através do convívio prolongado dentro das escolas tradicionais, e desta forma consegue-se compreender os processos de ensino/aprendizagem que estes grupos culturais criam para transmitir e transformar as suas crenças e valores associados à música.

Ao longo da vida profissional, vivi estes dois mundos musicais. Por um lado o “Não-formal” ligado às associações culturais, aos grupos folclóricos, aos grupos corais, grupos de bombos e bandas de música; por outro lado o “Formal” ligado às escolas públicas. Estes dois termos ao longo dos tempos, foram mudando o seu significado original, isto porque o formalismo, a hierarquização e a organização curricular, hoje em dia também existe dentro das bandas, dos grupos, das associações, entre outros. Assim, como a liberdade de temas, a variedade de instrumentos musicais, a amplitude dos temas do Currículo Nacional a ensinar nas escolas está muito mudado.

Depois de ter nas Práticas Pedagógicas aplicado alguns conhecimentos e mesmo instrumentos exteriores aos normalmente usados em sala de aula, verifiquei que a aceitação por parte dos alunos fora fantástica. Para confirmar algumas destas minhas suposições realizei um questionário, envolvendo os alunos e a sua relação com a escola e a música.

Depois da análise dos resultados através de gráficos e tabelas, pude concluir que é bastante benéfico, tanto para o “Formal” como para o “Não-formal”, o cruzamento das suas valências, por um lado a organização do Formal servem o “Não formal”, assim como a liberdade de temas e de instrumentos servem para melhor e mais cativar o aluno dentro da sala de aula.

Em suma, espero que com o contributo desta reflexão final, não só para mim mas para mais alguém que a venha a ler, possa de certa forma ter em consideração que o objetivo desta análise é só e na totalidade para o bem-estar do aluno, para a sua preparação para o mundo civil e tendo isso em conta estaremos a dignificar o nosso grande lema de vida que é a Música.

Referências Bibliográficas

- Arroyo, M. (2000). Transitando entre o “Formal e o “Informal”, um relato sobre a formação de educadores musicais. In Simpósio Paranaense de Educação, 7, 2000. Londrina, 77-90.
- Boal-Palheiros, G. (2006). Funções e modos de ouvir música de crianças e adolescentes, em diferentes contextos. In Ilari, B. (Ed.), *Em busca da mente musical. Ensaio sobre os processos cognitivos em música da percepção à produção*, 303-349. Curitiba: Editora da UFPR.
- Cohen, L. & Manion, L. (1994). *Research Methods in Education* (Fourth edition). London: Routledge.
- Delors, J. et. Al. (1996). *Educação – Um Tesouro a descobrir*. Porto: Edições ASA.
- Gordon, E. (2000). *Teoria de Aprendizagem Musical, Competências, Conteúdos e Padrões*. Lisboa, Ed: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Grossi, C. (2001). (coord). Grupo de trabalho: Educação musical “Informal”. *Anais do X Encontro Anual da ABEM*, 95-98. Uberlândia.
- La Belle, T. (1986). *Nonformal Education in Latin American and the Caribbean. Stability, Reform or Revolution?* New York, Praeger.

Libâneo, J. (2000). *Pedagogia e Pedagogos, para quê?* 3.ed. São Paulo. Cortez.

Ministério da Educação (1991). *Programa de Educação Musical: Plano de Organização do Ensino-Aprendizagem – Volume II – Ensino Básico 2º ciclo*. Direção Geral dos Ensinos Básico e Secundário. Lisboa: Ministério da Educação.

Ministério da Educação (2001a). *Currículo Nacional do Ensino Básico – Competências Essenciais*. Departamento da Educação Básica, Lisboa: Ministério da Educação.

Ministério da Educação (2001b). *Música – Orientações Curriculares 3º ciclo do Ensino Básico*. Departamento da Educação Básica. Lisboa: Ministério da Educação.

Ministério da Educação (2004). *Organização Curricular e Programas Ensino Básico – 1º ciclo* (4ª Ed.) Departamento da Educação Básica. Lisboa: Ministério da Educação.

Ministério da Educação (2006). *Ensino da Música 1º ciclo do ensino básico – orientações programáticas*. Direção – Geral de Inovação e de Desenvolvimento Curricular, Lisboa: Ministério da Educação.

- Muller, V. (2000). *A Música é, bem dizê a vida da gente*: Um estudo com crianças e adolescentes em situação de rua na Escola Municipal de Porto Alegre, EPA. Dissertação (Mestrado em Música) – Instituto de Artes, Universidade do Sul, Porto Alegre.
- Oliveira, M & Milhano, S. (2010). *As Artes na Educação: Contextos de Aprendizagem promotores de Criatividade*. 1º Edição, Folheto Edições & Design. Leiria.
- Pinto, A. (2004). Motivação para o Estudo de Música: Fatores de Persistência. *Revista Música, Psicologia e Educação*, 6,33-44.
- Prass, L. (1998). *Saberes musicais em uma bateria de escola de samba*: uma etnografia entre os “Bambas de Orgia”. Dissertação (Mestrado em Música) – Instituto de Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- Souza, J. (2001b). Múltiplos espaços e novas demandas profissionais: reconfigurando o campo da Educação Musical. *Anais X Encontro Anual da ABEM*, (85-92). Uberlândia.
- Swanwick, K. (1979). *A basis for music education*. London: NFER – Nelson.
- Wuytack, J. e Boal Palheiros, G. (1995). *Audição Musical Ativa*. Porto: Associação Wuytack de Pedagogia Musical.

Webgrafia

www.dalcroze.ch/enseignement/ , consultado em 11/10/2014;

http://www.dalcroze.fr/Dalcroze_France_pedagogie.htm , consultado em 11/10/2014.

ANEXOS

O seguinte índice de Anexos encontram-se no CD pertencente ao Relatório de Estágio:

ANEXO A - PRÁTICA EDUCATIVA I

1. Planificações
2. Reflexão final da Prática Educativa I
3. Documentos Oficiais
4. Dossier entregue na Prática Educativa I

ANEXO B – PRÁTICA PEDAGÓGICA DO 2º CICLO

1. Planificações
2. Cronograma da Prática Pedagógica do 2º ciclo
3. Reflexão final da Prática Pedagógica do 2º ciclo
4. Documentos Oficiais

ANEXO C – PRÁTICA PEDAGÓGICA DO 3º CICLO

1. Planificações
2. Power Point e materiais utilizados na Prática Pedagógica do 3º ciclo
3. Cronograma da Prática Pedagógica do 3º ciclo
4. Documentos Oficiais

Anexo D – Relatório de estágio

Anexo E – Questionários